



OUTROSSIM É A PUTA QUE O PARIU! O HUMOR NO MAU HUMOR DE GRACILIANO RAMOS¹

Luciano OLIVEIRA²

Resumo: Dono de um célebre e antológico mau humor, Graciliano Ramos produziu uma obra igualmente cáustica, na qual, muitas vezes, a linguagem do narrador e dos personagens chega ao nível da grosseria. A princípio, nada parece mais distante do humor do que um texto seu. O artigo, porém, partindo do fato de que algumas formas de descontrole verbal provocam riso, sugere a hipótese de haver, na prosa de Graciliano Ramos, uma espécie de “humor áspero”. Explorando tal hipótese, recorre à Teoria do Riso de Durkheim, para quem a “rigidez de caráter”, responsável por tais descontroles, produz efeitos cômicos.

Palavras-chave: Humor, Mau Humor, Teoria do Riso

O impropério que dá título a este ensaio faz parte do vasto anedotário envolvendo Graciliano Ramos e seu antológico pavio curto, capaz de perpetrar grosserias e palavrões contra tudo que lhe parecesse inautêntico, bajulatório ou simplesmente estúpido. Provavelmente é o mais conhecido deles. Faz parte de minhas lembranças de um longínquo curso colegial, quando estava descobrindo a literatura brasileira. Teria sido contado pelo professor? Teria ele dito o palavrão em classe ou substituído-o por um “senhora sua mãe”? Não lembro.

A nebulosidade da lembrança adequa-se bem à própria atmosfera incerta de versões que existem sobre o episódio. O que geralmente se conta é que Graciliano, trabalhando como revisor num jornal, teria embatucado ao deparar-se com a palavra “outrossim” usada por um repórter na matéria que lhe entregara para a redação final. Intrigado – e já se irritando... – com o uso daquele termo típico de ofício num texto jornalístico, teria resmungado e finalmente exclamado: “Outrossim é a puta que o pariu!” – riscando com raiva o termo impróprio. Verdade? Lenda? A crer-se no seu biógrafo, o episódio seria verdadeiro e teria ocorrido na redação do *Correio da Manhã*, tendo sido testemunhado por Franklin de Oliveira:

¹ Este artigo será publicado também em "O Bruxo e o Rabugento - Ensaios sobre Machado de Assis e Graciliano Ramos", Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2010.

² Professor do Departamento de Ciências Sociais da UFPE. Professor de Sociologia Jurídica da Faculdade de Direito do Recife. E-mail: jlgo@hotmail.com.br



“Uma noite, Graciliano interromperia a leitura de um original, ergueria a cabeça, parecendo perdido no vácuo. Súbito, rugiria:
– Outrossim... Outrossim é a puta que o pariu!” (MORAES, 1996, p. 243)

Estranhamente, nessa mesma biografia, com ligeiras variações, o autor conta outra versão dessa mesma história — a qual, já agora, teria se passado na redação da revista *Cultura Política* mantida pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do Estado Novo, onde Graciliano era também revisor. Eis a segunda versão:

“O poeta Lêdo Ivo testemunharia uma de suas explosões de impaciência diante da burrice alheia. Na ânsia de bajular, o autor do artigo fora abundante em conjunções adversativas: ‘Mas, no entanto, contudo, todavia, o Estado Nacional...’ Graciliano não se conteria:
– Mas, no entanto, contudo, todavia... é a puta que o pariu!” (MORAES, 1996, pp. 188-189)

O mais curioso vem agora: Lêdo Ivo, que teria testemunhado e contado a versão acima, conta uma outra! O espírito do impropério é o mesmo, mas o desfecho da história é diferente:

“O autor, no auge do seu entusiasmo pelo *regime* (como se dizia então) e pela figura providencial de Vargas, assim começava uma frase: ‘Mas, no entanto, contudo, todavia, o Estado Nacional...’ Diante dessa magnífica sucessão de conjunções, Graciliano Ramos não se conteve. Fez uma alusão bastante desprimorosa à genitora daquele cientista político e disse-me baixando a voz: ‘Vou deixar só uma’”. (IVO, 2005, pp. 155-156)

Que episódio teria finalmente ocorrido? Ou de um – pois afinal “quem conta um conto, aumenta um ponto” – nasceu o outro? A dúvida, se de um lado põe em xeque a veracidade dessa e de outras histórias envolvendo o Velho Graça, de outro atesta a existência de um Graciliano Ramos enquanto figura mitológica — um *tipo*, em suma. Como sempre acontece nesses casos, o *tipo* é urdido tanto de fatos quanto de suas versões, a ponto de muitas vezes não conseguirmos mais desenrolar o emaranhado de fios e encontrar o seu começo. Veja-se esse outro exemplo. Outra vez o seu biógrafo reporta um diálogo que ele teria tido com José Lins do Rego a respeito do custo de vida. “Desse jeito, vamos acabar pedindo esmolas” – teria dito José Lins. “A quem?” – teria fulminado Graciliano. (MORAES, 1996, p. 173) Ora, num depoimento a respeito do Velho Graça dado por Otto Maria Carpeaux, ele refere-se a essa mesmíssima história, aduzindo um comentário sobre uma versão em que ele, e não José Lins, figurava como



o interlocutor de Graciliano — negando a versão: “não sei por que me atribuíram o papel de ter sido o parceiro do diálogo.” (CARPEAUX, 2001, p. 146) É o caso de se perguntar: com quem finalmente a história teria ocorrido? Ou mesmo: teria de fato ocorrido? A dúvida vai por conta de que, para complicar ainda mais o *imbroglio*, história igual a essa é contada por ninguém menos que o próprio Graciliano! Numa das crônicas que escreveu para a revista *Cultura Política* sobre tipos pitorescos do interior das Alagoas, ao referir-se aos “balcões das vilas” onde “sujeitos ociosos” passam os dias conversando lorotas, Graciliano reporta um diálogo que segundo ele teria sido inventado por um seu amigo de infância, Pedro Mota Lima:

“– Seu compadre, se esta miséria continuar, nós acabamos pedindo esmola.

– A quem?” (RAMOS, 1992, p. 153)

A difusão a torto e a direito desse *tipo* que Graciliano sem dúvida encarnou termina produzindo uma rabugice de anedota capaz de se reproduzir por conta própria, dando margem a novas histórias que enriquecem o anedotário do Velho Graça, independentemente de terem ocorrido ou não. Eventualmente, é-lhe imputada a paternidade de epigramas que outros cometeram. Um exemplo disso – surpreendente pela sua autoria – está no *Prefácio* escrito para o livro de Dênis de Moraes por um intelectual da importância de Carlos Nelson Coutinho. Lá pelas tantas, escreve ele: “Contam que, quando lhe pediam a opinião sobre um livro, Graciliano respondia sempre, com sua habitual causticidade: ‘Não li e não gostei’”. (COUTINHO *in* MORAES, 1996, p. xviii) Surpreendente em primeiro lugar porque, como é relativamente sabido, essa é uma das *boutades* mais célebres não de Graciliano, mas de um autor que, para além da inegável importância que teve na modernização da arte brasileira no século XX, notabilizou-se também por ser um célebre fazedor de piadas, muitas delas ferinas e até cruéis: Oswald de Andrade.³ E em segundo lugar, mas não menos importante, porque a atitude atribuída a Graciliano, ainda que coerente com o *tipo* rabugento construído em torno de sua personalidade, de forma alguma seria compatível com o Graciliano *real* que, sem chegar a possuir o espírito missionário de

³ A frase demolidora está num artigo de Oswald a propósito de duas obras de Mário de Andrade, *Primeiro andar*, livro de contos, e *Amar, verbo intransitivo*, romance. Compreensivelmente, os dois grande nomes da Semana de 22 terminaram seus dias sem se falar. O registro da autoria está no livro *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto (1924-1936)*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985, p. 223. Devo a precisão da informação à sempre preciosa garimpagem do professor Fernando da Mota Lima.



um Mário de Andrade, foi sempre um atencioso leitor de autores desconhecidos que lhe enviavam originais em busca de reconhecimento. Mais de uma vez o Velho Graça queixou-se do tempo que perdia lendo obscuros provincianos em busca da glória literária:

“– É maçada. Recebo dezenas de originais. São principiantes, geralmente dos Estados, que desejam, é claro, alguns elogios. Já me aconteceu receber, na mesma semana, originais do Piauí e de Goiás. Eu devia fazer como José Lins [do Rego]: afirmar, sem leitura, que tudo é magnífico.” (SENNA, 1968, p. 192)

Por essas e outras — muitas outras —, criou-se a figura de um Graciliano Ramos protagonizando verdadeiros “causos” que provocam riso. Não *apesar* da rabugice, mas justamente *por causa* dela. O fenômeno, embora pouco teorizado, é relativamente conhecido. Pessoas enfezadas, distribuindo improérios muitas vezes por tolices, costumam provocar reações desse tipo. Há uma espécie de humor embutido no mau humor, e o fenômeno tem várias vertentes, indo desde a explosão de palavrões — que também causa riso — de pessoas que são vítimas de trotes em programas radiofônicos de grande audiência popular, até o descontrole de personagens literários célebres como, entre nós, o Capitão Vitorino Carneiro da Cunha, impagável personagem do *Fogo Morto* de José Lins do Rêgo que a meninada do Pilar atormentava gritando seu apelido quando ela passava pelas estradas:

— Vitorino Papa-Rabo!

Ao que ele respondia irado, de chicote na mão espumando de raiva contra o vento:

— É a mãe!

Quem, lendo *Fogo Morto*, não riu com essas passagens? Ora, o fenômeno é múltiplo, e Vitorino Papa-Rabo tem companhias ilustres. Há também algo do seu destempero — certamente num nível bem diferenciado de elaboração — nas frases demolidoras de famosos mal humorados presentes na cultura moderna, e que garantem o sucesso de tantas antologias reunindo seus melhores momentos. A cultura de massa americana — a de boa qualidade! — contém vários nomes de notórios ranzinzas que assestam suas línguas de trapo contra o lado “jeca” dos seus compatriotas. São



exemplos conhecidos o crítico de arte George Jean Nathan⁴, o ator W. C Fields⁵, o jornalista H. L. Mencken⁶ — e assim por diante —, todos donos de uma pena ao mesmo tempo erudita e venenosa, capaz de provocar estrago e... riso!⁷

Causa assim espécie que o Graciliano escritor, cujo texto também está cheio de imprecisões, não seja visto como um autor a quem se possa atribuir a faculdade do humor. Ausência notável, tanto mais que o surgimento do Velho Graça para o mundo das letras se deu pela publicação dos famosos *Relatórios* que elaborou enquanto prefeito de Palmeira dos Índios — o primeiro de 1929, o segundo de 1930 —, nos quais a irritação de um administrador honesto com os desmandos que encontrou transmuda-se rapidamente em notas de humor. Veja-se, a título de exemplo, o trecho delicioso em que ele ironiza o costume de enviar inúteis telegramas ao governador do Estado a propósito de qualquer coisa e seu contrário:

“Porque se derrubou a Bastilha — um telegrama; porque se deitou uma pedra na rua — um telegrama; porque o deputado F. esticou a canela — um telegrama. Dispêndio inútil. Toda a gente sabe que isto por aqui vai bem, que o deputado morreu, que nós choramos e que em 1559 D. Pero Sardinha foi comido pelos caetés.” (RAMOS, 1992, p. 170)

É curiosa essa menção aos caetés que comeram o bispo. Ela verbera, certamente, o romance de estréia de Graciliano, *Caetés*, ainda inédito à época da redação dos *Relatórios*, mas já pronto na gaveta. Quando do aparecimento do romance, em 1933, não escapou a um crítico do quilate de Agripino Grieco a notação bem humorada do livro. Numa entusiasmada resenha de 1934, Grieco observa que o seu autor — “se não estou equivocado” — é o mesmo que “foi prefeito, por sinal que prefeito pouco panglossiano quanto aos frutos da própria administração, aludindo com um desdém meio swiftiano à sua municipalidade e respectivos munícipes” (GRIECO, 1978, p. 148) Grieco não foi o único a ressaltar a presença de elementos cômicos em *Caetés*. Escrevendo nos anos 50, quando toda a obra romanesca de Graciliano já fora publicada, o crítico paraibano Gama e Melo realça esse aspecto, já aí, porém, para sustentar a hipótese de que haveria dois Graciliano: o sujeito apesar de tudo integrado a Palmeira

⁴ “Bebo para tornar as outras pessoas interessantes.”

⁵ “Um homem que detesta crianças e cachorros não pode ser mau de todo.”

⁶ “A única contribuição do protestantismo ao pensamento humano foi provar, de forma irrefutável, que Deus é um chato.”

⁷ As frases citadas foram extraídas de Ruy Castro (editor), *Mau Humor — uma antologia definitiva de frases venenosas*, São Paulo, Companhia das Letras, 2007.



dos Índios, quando produziu *Caetés*, e o errante Graciliano posterior, quando escreveu o resto — e na verdade o essencial — de sua obra. Teria se operado aí uma ruptura importante: “depois de *Caetés*, o romancista perdeu uma de suas qualidades melhores [...], qualidade que reveste todo o romance de Palmeira dos Índios — o humorismo.” Para o crítico, daí em diante Graciliano vai “entrar no território absoluto das sombras, nos mundos de desencanto e terror, sem o arejamento humorístico que pusera em *Caetés*.” (MELO, 1978, p. 236)

A tese é discutível. *Caetés* não é todo “humor sadio”, como sustenta Gama e Melo, e a obra posterior de Graciliano não é desprovida de elementos humorísticos. Insalubre, talvez, mas mesmo assim, humor. Álvaro Lins, aliás, também aceita a existência de humor no Graciliano posterior a *Caetés*, numa interessante aproximação, pela via do *humour* — grafado assim — entre o autor de *São Bernardo* e o de *Dom Casmurro*: enquanto o *humour* de Machado seria “destruidor, mas sereno”, o de Graciliano seria “sombrio e áspero” — além de ser, como acrescenta Lins, “muito raro”. (LINS, 1974, p. 13) É discutível também essa raridade, ainda que reconheça que devemos qualificar a que tipo de humor (ou seria *humour*?) estamos nos referindo. Lins chamou-o de áspero. A designação pode convir. Que seja, então. Esse tipo recobriria o humor do enfezado, do rabugento a que me referia no começo. Se, afinal, rimos de um impropério do Graciliano revisor de jornais, como rimos da cólera desmedida de Vitorino Papa-Rabo, podemos também, pela enorme desproporção da coisa, rir dos vários despautérios de Luís da Silva — o também enfezado narrador de *Angústia* —, como na cena em que ele, irritando-se com uma honesta “mulher da vida” que não quer cobrar a companhia que lhe fez porque ele já lhe pagou o jantar, deixa-a estupefata com a sua reação: “A senhora é relógio para trabalhar de graça?” (RAMOS, 1998, p. 82)

Humor áspero, sem dúvida. Eventualmente, injusto. Nesse caso, por exemplo, o objeto da cólera desmedida de Luís da Silva não é nenhum moleque treloso do Pilar, nem um jornalista bajulador do governo, mas uma pobre mulher vítima de uma estrutura social iníqua da qual ela nem tem consciência. De um lado, nos sentimos mal com a grosseria aparentemente gratuita que Luís lhe despeja; de outro, a própria grosseria, pelo seu inusitado, é capaz de provocar em nós um riso e embaraçoso. Por quê?



Inútil procurar uma menção direta a esse tipo de comicidade na mais célebre das teorias sobre o assunto, a do filósofo francês Henri Bergson.⁸ O seu argumento, bem conhecido, é que o riso seria uma sanção social a um esclerosamento de comportamentos. Um homem, correndo pela rua, tropeça e cai. Os transeuntes riem. Por quê? Porque, segundo o autor, a sociedade reprova “toda *rigidez* do caráter, do espírito e mesmo do corpo” (BERGSON, 1980, pp.18-19), pois tal rigidez conspira contra a maleabilidade que a sociedade exige de seus membros para funcionar bem. É visível nessa teoria a influência da sociologia de Durkheim, para quem os fenômenos sociais, na medida mesma em que existem, cumprem alguma função — até o crime, que o sociólogo francês, numa afirmação escandalosa para a época, considerava um fato social “normal”. O riso cumpriria, na teoria de Bergson, uma função análoga à que a pena cumpriria na teoria do crime de Durkheim: sancionar a infração à regra, contribuindo com isso para o avivamento da consciência coletiva. Semelhantemente, o riso sancionaria a rigidez de comportamentos, contribuindo assim para o avivamento da flexibilidade necessária ao bom funcionamento da sociedade.

Dois problemas, entre outros, afetam a teoria durkheimiana — e, conseqüentemente, aquelas outras que nela se inspiram: em primeiro lugar, nos vemos diante de uma verdadeira hipóstase da sociedade, que passa a ser vista como um ente dotado de uma “intenção” — que, evidentemente, ninguém sabe qual é; em segundo lugar, tudo no mundo, desde que exista e persista, cumpre uma função para a manutenção da mesma sociedade — o que, sem dúvida, leva a um círculo vicioso de tipo hegeliano: o real é racional porque... é real! Independentemente do seu aspecto *explicativo-funcionalista*, porém, a teoria bergsoniana sobre o riso é fértil ao descrever *como* funcionam os mecanismos sociais que levam a esse fenômeno tão intrigante. Nesse caso, o rabugento, o enfezado, o sujeito de pavio curto, por sua *rigidez*, cairiam sob o cutelo do filósofo francês. Acho que é o caso de Graciliano Ramos — tanto a pessoa de carne e osso (muito osso, aliás), quanto o autor de livros escritos na primeira pessoa, notadamente *São Bernardo* e *Angústia*, cujos “narradores”, Paulo Honório e Luís da Silva, são o que se chama de sujeitos de “maus bofes”.

Vai aqui uma confissão. A idéia mais remota deste artigo, na verdade, surgiu quando peguei-me certa vez, ao ler *Angústia*, rindo com uma passagem em que Luís da

⁸ Henri Bergson, *O Riso – Ensaio sobre a significação do cômico*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980. A utilização de sua teoria no contexto do riso provocado pelo mau humor foi-me sugerido pela professora e colega Cynthia Hamlin, da UFPE, a quem agradeço a “dica”.



Silva descreve o odioso Julião Tavares escanchado na poltrona de uma vizinhança humilde, num desses serões familiares que já não existem:

“O que não achava certo era ouvir Julião Tavares todos os dias afirmar, em linguagem pulha, que o Brasil é um mundo, os poetas alagoanos uns poetas enormes e Tavares pai, chefe da firma Tavares & Cia., um talento notável, porque juntou dinheiro. Essas coisas a gente diz no jornal, e nenhuma pessoa medianamente sensata liga importância a elas. Mas na sala de jantar, fumando, de perna trançada, é falta de vergonha. Francamente, é falta de vergonha.” (RAMOS, 1998, p. 50)

Julião é um dos personagens mais sensacionais saídos da pena do Velho Graça. Gordo, vermelho, rico e sedutor de moças sonhadoras da periferia pobre de Maceió, representa bem o famoso “ódio ao burguês” que o Graciliano comunista não perdia a ocasião de destilar. Um foco especial desse ódio é justamente a manipulação da linguagem para fins de empulhação, que tanto pode se dar pelo uso de termos “difíceis” para impressionar, quanto pelo apelo ideológico a lugares comuns patrióticos que escamoteiam a dominação. Bem ilustrativo desse duplo uso e do ódio correspondente de Luís da Silva é uma seqüência em que o narrador, voltando para casa, surpreende Julião Tavares na sua própria janela, flertando com Marina, sua vizinha e noiva. Eis a reação que o ressentido Luís da Silva partilha com o leitor:

“Canalha. Meses atrás se entalara num processo de defloração, de que se tinha livrado graças ao dinheiro do pai. Com o olho guloso em cima das mulheres bonitas, estava mesmo precisando uma surra. E um cachorro daquele fazia versos, era poeta.” (RAMOS, 1998, p. 75)

Luís interpela Julião: “Tem negócio comigo? [...] Nunca estou em casa a esta hora. Estou no serviço, percebe? Sou um homem ocupado.” O sedutor de mocinhas, cheio de dedos, refugia-se num inacreditável lero-lero edificante: “Perfeitamente, respondeu Julião Tavares. Uma vida cheia, uma vida nobre, dedicada ao trabalho.” E o narrador, voltando à confidência com o leitor, partilha com ele o seguinte comentário: “Só a pontapés.”

Nesse caso — e os livros de Graciliano estão repletos de outros —, a grosseria do narrador é animada pela intenção de desmistificar. Não se trata de uma raiva às cegas, mas de uma ira política no sentido mais abrangente da expressão. O que esse escritor singular quer é devolver à linguagem sua vocação de autenticidade, seu potencial, por assim dizer, libertador. No antológico capítulo inicial de *São Bernardo* há um bom



exemplo disso, quando Paulo Honório dispensa a trupe de literatos de província, pomposos e ociosos, que tinha convocado para ajudá-lo na empreitada de escrever um livro. Ao ler dois capítulos datilografados por Gondim — encarregado da “composição literária” do livro —, Paulo Honório explode com sua habitual rudeza: “Você acanhalhou o troço. Está pernóstico, está safado, está idiota. Há lá alguém que fale dessa forma!” Eis aí o xis da questão: Gondim acha justamente que “um artista não pode escrever como fala”, ao que Paulo Honório replica: “Não pode? E por quê?” (RAMOS, 1973, p. 63)

Num nível evidentemente metalingüístico, Graciliano está investindo contra a literatura de “belos efeitos” e tomando o partido da obra literária como desmistificadora da “linguagem estereotipada” (BULHÕES, 1999, p. 165) que manipula os homens. Em 1948, numa entrevista, ele comparou o trabalho do escritor ao das lavadeiras “lá de Alagoas” que batem na pedra a roupa suja muitas e repetidas vezes, até que a limpeza refulja, concluindo com uma frase de sabor todo seu, mas que tem também algo da segura objetiva de um João Cabral de Melo Neto: “A palavra não foi feita para enfeitar [...] a palavra foi feita para dizer.” Essa profissão de fê do escritor Graciliano era posta em prática no seu contínuo trabalho de reescritura e enxugamento do texto, até que ele chegasse à mais rigorosa exatidão. Por isso a sua explosão contra Gondim. Explosão que, noutros momentos, ele contém e apenas o leitor dela toma conhecimento. Esse impropério retido apresenta efeitos igualmente cômicos. Um desses momentos figura nesse primeiro capítulo, quando Paulo Honório começa a desconfiar que a empreitada coletiva não vai dar certo, pois o encarregado da pontuação, ortografia e sintaxe, João Nogueira, “queria o romance em língua de Camões, com períodos formados de trás para diante.” Piscadela de Paulo Honório para o leitor: “Calculem.” (RAMOS, 1973, p. 61)

Em *Angústia*, num diálogo tenso entre o narrador Luís da Silva e o odioso mas impagável Julião Tavares, o primeiro apresenta o segundo ao leitor em termos que já são em si cômicos: “Conheci esse monstro numa festa de arte no Instituto Histórico.” O epíteto arma o leitor contra a criatura e, pela brutalidade do termo, já o põe de sobreaviso, antecipando uma explosão. A espera é capaz de induzir uma hilaridade presa. Julião pega Luís da Silva pelo braço, arrastando-o para uma conversa sobre as belezas dos coqueiros, das praias, do céu azul de Maceió. O leitor quase sente a pressão arterial do narrador subindo. Quando o “monstro” diz que “adorava o Brasil”, o narrador parece chegar ao limite. Mas não explode. Nova investida de Julião: “Eu vi



perfeitamente que o senhor é patriota.” O narrador solta para o leitor: “Foi a conta.” Mas a explosão, ainda uma vez, não vem. Julião continua seu discurso patrioteiro: “Quem o não é, meu amigo? Nesta hora trágica em que a sorte da nacionalidade está em jogo...” Fervendo por dentro, Luís da Silva “decepciona” o leitor ao concordar com o sedutor de menores: “Efetivamente, murmurei, as coisas andam pretas.” (RAMOS, 1998, p. 44) E só!

No caso, é a ausência mesma de um pontapé que se torna cômica. Nas *Memórias do Cárcere*, onde Graciliano já não está escondido atrás de um personagem e fala por si mesmo, há uma outra situação em tudo semelhante a essas — o que mostra como a relação entre o escritor perfeccionista e o indignado cidadão era uma via de mão dupla freqüentemente percorrida num e noutro sentido. “Uma noite de calor, suando no colchão duro, chateava-me a folhear um romance idiota” — escreve Graciliano. Um colega de cela, aparentemente um chato, perturba a leitura fazendo comentários elogiosos ao livro, indicando “passagens onde se arrumavam belezas imperceptíveis. Aborrecia-me”. Mais uma vez, o efeito cômico é produzido pela espera de uma explosão que termina não ocorrendo, com um irritado Graciliano fazendo esforços de contemporização:

— Está bem. Isso mesmo.

O sujeito continua atrapalhando a leitura e irritando o Velho Graça, mas este persiste na sua resistência, de modo a poder continuar em paz a leitura chinfrim:

— Isso mesmo. Sem dúvida. (RAMOS, 2002, p. 301)

Lêdo Ivo, no depoimento já mencionado, descreve Graciliano como uma “personalidade carcerária por excelência”, um sujeito que “viveu escravizado às mais irracionais ou insípidas regras de gramática”. Um revisor de textos que de vez em quando,

“diante de um pronome deslocado ou de um anacoluto (figura de gramática a que devotava um ódio particular, comparável ao que dedicava aos nazistas) não se continha. Mas não ofendia o autor ignorante ou desleixado. Preferia referir-se à senhora mãe dele.” (IVO, 2005, pp. 154-156).



O mesmo Lêdo lembra ainda uma incrível reprovação que ele fazia a seu amigo José Lins do Rego: não ter corrigido, na reedição de *Moleque Ricardo*, a frase em que chamava urubu de pássaro, “quando até as crianças das escolas sabiam tratar-se de uma ave”... (IVO, 2005, p. 162)

A referência anedótica ao anacoluto como inimigo mortal não deve minimizar o significado mais profundo do que é, sem dúvida, uma *rigidez* cômica, mas cujo sentido verdadeiro não é meramente anedótico, significando, a meu ver, um exemplo a mais de uma postura de nenhuma condescendência com tudo que seja leniência e falta de seriedade. A intolerância que Graciliano ostentava em relação aos que se punham a escrever sem conhecer as regras do ofício significa bem mais do que uma submissão estúpida a uma insípida regra de gramática, e ela transita com a mesma firmeza do memorialista para o romancista. Nas *Memórias do Cárcere*, Graciliano tem uma atitude de sarcasmo frente a um hino anti-fascista cantado por um comunista companheiro de desdita:

“Abaixo o integralismo,
O vômito do fascismo...”

Comentário cortante do Velho Graça: “Vômito do fascismo – ótimo. Ruim era o homem dizer *intregalismo*”. (RAMOS, 2002, p. 184) Em *Angústia*, é a vez de um irritado Luís da Silva indignar-se frente a um “Proletários, uni-vos” que lê num muro de Maceió. Informação do narrador: “Isto era escrito sem vírgula e sem traço, a piche.” E o seu comentário irado em seguida:

“Aquele maneira de escrever comendo os sinais indignou-me. Não dispense as vírgulas e os traços. Queriam fazer uma revolução sem vírgulas e sem traços? Numa revolução de tal ordem não haveria lugar para mim. [...] Um homem sapeca as pestanas, conhece literatura, colabora nos jornais e isso não vale nada? Pois sim. É só pegar um carvão, sujar a parede. Pois sim.” (RAMOS, 1998, p. 164-165)

Os dois exemplos são muito interessantes porque mostram um Graciliano – mesmo que, no segundo caso, sob a roupagem de Luís da Silva – destilando a habitual causticidade contra militantes da causa comunista, doutrina à qual terminará por aderir, simplesmente por mal uso do vernáculo! Nas *Memórias do Cárcere*, há um outro episódio do mesmo jaez: ao ouvir um militante preso oriundo do Paraná, carregado de sotaque alemão, dizer “*nós disseram*” em vez de “nos disseram”, “*nós fizeram*” em vez



de “nos fizeram” — e assim por diante, não se conforma. Pensa naquilo insistentemente e chega à confissão, quase inacreditável, de que “a confusão pronominal me abalava.”

* * *

Voltemos, para concluir, à hipótese do riso provocado pela rigidez de comportamento — de que o abalo provocado em Graciliano pelo sotaque alemão do preso é mais um exemplo. Ariano Suassuna, filiando-se à teoria bergsoniana, observa que “o que torna cômico um caráter é aquela espécie de *endurecimento* que, instalando-se no espírito de uma pessoa, impede que ela se adapte flexivelmente à vida social em comum.” (SUASSUNA, 2005, p. 161) E dá como exemplo o riso provocado pela rabugice de Alceste, o célebre personagem d’*O Misanthropo* de Molière. Ao reivindicar um ideal de honestidade na vida e transparência nas relações entre as pessoas, Alceste se choca com a hipocrisia e a frivolidade típicas da sociedade cortesã do século XVII francês. Mas o argumento poderia também aplicar-se ao Velho Graça e seus conhecidos impropérios. Até aí, acompanho esses autores.

O que não me parece satisfatória é a sua filiação à sociologia durkheimiana e a analogia que ela implica entre a sanção penal e o riso — aquela punindo comportamentos delituosos, este punindo comportamentos rígidos. Ocorre que, nesse caso, como no caso da pena para o crime, a sociedade teria *razão*... Nesse caso, ao rirmos diante da indignação de Vitorino Papa-Rabo, de uma frase demolidora de Mencken ou de um impropério de Graciliano Ramos — ele mesmo ou um de seus alteregos —, estaríamos *sancionando* Vitorino, Mencken e Graciliano, quando, na maioria das vezes, o que estamos de fato fazendo é *empatizando* com eles! O riso, no caso, seria uma expressão de simpatia com o rígido, e se alguma sanção há, o seu objeto seriam aqueles contra quem a rigidez se dirige: a molecada desrespeitosa do Pilar, o *wasp* reacionário americano, o sórdido Julião Tavares e assim por diante. Bem sei que essa objeção também parece não se aplicar a todos os casos. No episódio da implicância de Graciliano com o sotaque do prisioneiro, a nossa simpatia iria para o “alemão”, e um eventual riso, nesse caso, seria para sancionar a intolerância do Velho Graça. Numa palavra, aqui como alhures, nenhuma teoria adequa-se satisfatoriamente à totalidade dos eventos que supostamente recobre. Mas isso já é outra história.



Abstract: Owner of a famous and anthological bad humor, Graciliano Ramos produced a caustic work, where the narrator and the characters language reaches, many times, the rudeness level. At first, nothing seems farther to humor than his text. The article, however, starting with the fact, that some forms of uncontrolled verbal provoke laughter, suggests the hypothesis to exists, in Graciliano Ramos' prose, a kind of "rough humor". Exploring this hypothesis, we appeal to the Durkheim Laughter theory, for whom the "rigidity of character", responsible for that lacks of control, cause comic effect.

Keywords: Humor, Bad Humor, Laughter Theory

Referências bibliográficas

- BERGSON, Henri. *O Riso – Ensaio sobre a significação do cômico*, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.
- BULHÕES, Marcelo Magalhães. *Literatura em campo minado*, São Paulo: FAPESP/Annablume, 1999.
- CARPEAUX, Otto Maria. “Amigo Graciliano”, in *Teresa – Revista de literatura brasileira*, São Paulo: USP/Editora 34, nº 2, 2001.
- GRIECO, Agripino. “Graciliano Ramos – ‘Caetés’”, in Sônia Brayner (org.), *Graciliano Ramos – Seleção de Textos*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (Coleção Fortuna Crítica), 1978.
- IVO, Ledo. “Angústia, de Graciliano Ramos”, in Heloisa Seixas (org.), *Obras-Primas que poucos leram* (vol. I), Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.
- LINS, Álvaro. “Valores e Misérias das Vidas Secas”, in Graciliano Ramos, *Vidas Secas*, São Paulo: Editora Martins, 1974.
- MELO, Virgínius da Gama e. “O Humanismo Incidente de Graciliano Ramos”, in (org.), *Graciliano Ramos – Seleção de Textos*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (Coleção Fortuna Crítica), 1978.
- MORAES, Dênis de. *O Velho Graça*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*, São Paulo: Martins Editora, 1973.
- _____. *Viventes das Alagoas*, Rio de Janeiro: Editora Record, 1992.
- _____. “Relatório ao Governador do Estado de Alagoas”, in *Viventes das Alagoas*, Rio de Janeiro: Editora Record, 1992.
- _____. *Angústia*, Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.
- _____. *Memórias do Cárcere* (Vol. II), Rio de Janeiro: Editora Record, 2002.
- SENNA, Homero. *República das Letras*, Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1968.
- SUASSUNA, Ariano. *Iniciação à Estética*, Rio de Janeiro: José Olympio, 7ª edição, 2005.

Recebido para análise em 02/04/2009
Aceito para a publicação em 26/09/2009